

Penna dá o recado de Brasília a secretários

por Severino Góes
de Brasília

"Sangue, suor e lágrimas." Foi isto que o ministro da Indústria e do Comércio, João Camilo Penna, previu para os próximos meses, como consequência do "pacote" econômico que o governo vai divulgar nas próximas horas. Por isso, ele fez um apelo a todos os secretários estaduais de Indústria e Comércio, reunidos ontem no Conselho de Indústria e Comércio (Consic), para que também os estados se engajem no esforço de reduzir seus déficits.

Só que o pedido do ministro não encontrou a receptividade esperada. O secretário de Indústria, Comércio, Ciência e Tecnologia, Einar Kok, por exemplo, lembrou que quando sir Winston Churchill pronunciou sua famosa frase "Tinha em torno dele toda a confiança do povo inglês" e arrematou: "Não sei se este é o caso, agora". Penna classificou sua palestra aos secretários como "um recado de Brasília", sobre as medidas que estão sendo estudadas. E disse que a demora do governo em definir as providências na área econômica pode ser entendida como uma consequência do processo de

abertura política, uma vez que as autoridades estariam levantando opiniões em todos os setores — políticos e empresariais, inclusive — e pesando as consequências das medidas na área social.

Camilo Penna esgrimiou velhos conceitos para explicar a origem dos problemas de o País. Lembrou, por exemplo, que o estrangimento do balanço de pagamentos é causado pela perda do País nas relações de troca e pela alta das taxas de juros. O Brasil, afirmou, reconhece a dívida de US\$ 90 bilhões, quer pagá-la, mas quer também que os credores reconheçam o direito do País saldar seus débitos. O que só ocorreria, na visão do ministro, com a possibilidade de o Brasil exportar mais.

No nível interno, Camilo Penna lembrou que se a sociedade não se engajar no esforço de austeridade resultante do "pacote", "a maioria das medidas teria dificuldades em prosperar". Ele lembrou a notícia publicada ontem por este jornal de que a especulação com ouro e dólar no mercado paralelo está levando a uma maior procura por cofres nos bancos. "Isto é uma atitude tremendamente perigosa e grave", afirmou Penna.